

Cidades do interior sofrem com a fome

CLÁUDIA AMORIM

A fome das crianças de Magé, que motivou a abertura das escolas do município aos sábados para que os alunos tenham acesso à merenda – única refeição do dia para muitos deles –, não é um fenômeno isolado no Rio de Janeiro. Segundo números do Mapa do Fim da Fome, estudo coordenado pelo pesquisador Marcelo Néri, da Fundação Getúlio Vargas, 14,68% da população do estado, o que totaliza mais de 2 milhões de pessoas, sobrevive como indigente. O trabalho, segundo Néri, visa a medir justamente “a pior forma de destituição: a insuficiência de renda para se comprar uma cesta de alimentos que cubra minimamente necessidades calóricas básicas”.

“Não é difícil perceber que o quadro se repete em quase todos os lugares. Em Maricá, também acontece de as crianças chegarem na segunda-feira enfraquecidas, por não terem tido acesso à merenda no fim de semana”, diz a professora Mônica Menezes. A psicossocióloga Marina Demétrio Moreira, diretora do Núcleo de Estudo e Ação

sobre o Menor, da PUC, concorda. “Não é preciso ir muito longe. Nós percebemos que nas creches da Rocinha acontece o mesmo. É começar do zero na segunda. Se a alimentação não for cuidadosa, as crianças perdem peso”, diz.

A medida adotada em Magé para driblar a desnutrição que atinge uma em cada quatro crianças, revelada ontem pelo **Jornal do Brasil**, somam-se outras providências paliativas. Hoje, a secretária estadual de Ação Social e Cidadania, Rosinha Matheus, anuncia em Magé os programas Sopa Cidadania e Leite Saúde, que começam a funcionar a partir da primeira quinzena de outubro. A previsão de atendimento abrange 1.480 crianças entre 2 e 12 anos, que receberão 2 quilos de leite em pó por mês, e 87 pessoas na primeira fase de implantação para ter direito à sopa.

Férias – Na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, corre a proposta apresentada pelo deputado Noel de Carvalho para que as escolas estaduais permaneçam abertas nas férias. “Se os alunos não comem no fim de semana e na segunda-feira desmaiam, imagi-

nem durante as férias”, raciocina.

Na especulação em busca de soluções, há quem se arrisque a ensaiar sugestões. “Abrir as creches da Rocinha nos fins de semana não parece uma boa sugestão. Acho que seria melhor que as crianças levassem comida para a casa”, arrisca Marina Moreira.

Segundo a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, a hipótese é inviável. “Temos cadastrado as famílias carentes em programas abrangentes”, afirma a coordenadora da secretaria Bernardete Jeolás. Atualmente, a secretaria calcula atingir 40% da população pobre carioca de 0 a quatro anos, que correspondente a 40 mil crianças. Dessas, 5 mil incluídas em outros programas de assistência complementar. A meta é aumentar, até 2005, para 140 mil o número de crianças atendidas nas creches.

Em seu estudo, Marcelo Néri sugere que a projeção da pobreza, que gera situações como a de Magé, seja estendida para outros municípios. Itaboraí, por exemplo, é apontado como um dos mais pobres, com 29,66% de indigentes.